



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Fundamentos.

ANÁLISE SOBRE O SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL

Merilainy Dayana Lima Serafim Luis¹

Resumo: O presente trabalho possui como objeto de estudo uma discussão teórica acerca dos fundamentos do Serviço Social, principalmente no que se refere ao seu sincretismo teórico, político e ideológico. O objetivo é compreender as determinações sócio históricas, política e ídeo-teórica, presentes no Estatuto Profissional, esclarecendo a sua estrutura sincrética. Para tanto, fundamentamos nossa discussão nas elaborações teóricas de Netto (2011), Santos (2007), lamamoto (2009), Montaña (2011) e Escorcim (2011). Trazendo como categorias de análise a sociedade burguesa monopolista, os fundamentos teórico-metodológico e ético-político do Serviço Social. O debate é contextualizado em bases histórico-ontológicas da sociedade burguesa no capitalismo monopolista, fase marcada pelo agudizamento da produção de miséria e da refuncionalização do papel do Estado. Bases nas quais o Serviço Social pode mudar seu corpo ídeo-teórico, gerando um sincretismo teórico, ideológico e prático.

Palavras-Chave: Serviço Social. Sincretismo. Marxismo. Conservadorismo, Capitalismo.

Abstract: The present work possesses as study object a theoretical discussion concerning the bases of the Social service, mainly as for its theoretical sincretismo, ideological politician and. The aim is to understand the historical determination partner, politics and ídeo- theoretician, presents in the professional statute, clarifying its sincrética structure. For in such a way, we base our discussion on the theoretical elaborations of Netto (2011), Saints (2007), lamamoto (2009), Montaña (2011) and Escorcim (2011). Bringing as categories of analysis monopolistic bourgeois society, the bases theoretical methodological and ethical politician of the Social service. The debate is contextualizado in ontologic bases historical of bourgeois society in the monopolistic capitalism, marked phase for the agudizamento of the production of misery and the refuncionalização of the paper of the State. Bases in which the Social service can change its body ídeo- theoretician, generating a theoretical, ideological and practical sincretismo.

KeyWords: Social Service. Sincretismo. Marxism. Conservatism, Capitalism.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como objeto de estudo o Estatuto Profissional do Serviço Social, destacadamente, para o esclarecimento de sua estrutura sincrética prática e teórica. Para tanto, buscou-se através de uma pesquisa bibliográfica, apreender as determinações sócio históricas, política e ídeo- teórica, presentes nos fundamentos do Serviço Social.

O estudo dessa dinâmica do Serviço Social exige que esse debate seja contextualizado em bases histórias-ontológicas da sociedade burguesa. Nesse sentido, o Serviço Social é definido enquanto uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, com papel destinado ao processo da reprodução das relações sociais.

¹ Profissional de Serviço Social. Centro de Referência de Assistência Social. E-mail: <dayana_lima9@hotmail.com>.

A tese da estrutura sincrética do Serviço Social remete aos estudos sobre a sociabilidade burguesa no capitalismo monopolista. E, remete ainda, aos estudos da gênese, institucionalização e corpo teórico do Serviço Social à luz da teoria social crítica. Ganha destaque neste estudo o debate sobre o conservadorismo, uma vez que este componente esteve presente na profissão na sua gênese e institucionalização, e ainda, apesar de termos um Projeto Ético Político de natureza crítica ao conservadorismo, este, atrelado ao neoliberalismo, insiste em se renovar através de uma nova roupagem, sobretudo na profissão, com uma ofensiva neoconservadora.

De acordo com Santos (2007), o conservadorismo tem sido um componente ídeo-teórico do Serviço Social brasileiro que trabalha na legitimação e na manutenção da ordem burguesa, mas a sua presença ultrapassa a vontade de seus agentes. Nesse sentido, o debate do conservadorismo entra como uma categoria fundamental na construção desse estudo, assim como também são de fundamental importância às categorias que explicam a estrutura sincrética do Serviço Social a partir da teoria social crítica.

Para Escorsim (2011) a característica do conservadorismo contemporâneo, em relação ao conservadorismo clássico, consiste em que o atual não se configura como conservadorismo e, portanto, oculta e escamoteia sua raiz e seus conteúdos conservadores. Sendo assim, rebate no Serviço Social um conservadorismo de um novo tipo, que precisa ser questionado. Por isso, o debate sobre os fundamentos do Serviço Social e de seu corpo ídeo-teórico fazem-se presentes para apreender o objeto de estudo aqui proposto.

2 DETERMINANTES DA ESTRUTURA SINCRÉTICA DO SERVIÇO SOCIAL

De acordo com Netto (2011), um dos determinantes constituintes da estrutura sincrética do Serviço Social é a própria sociabilidade burguesa do capitalismo monopolista. Nessa fase do capital, o agudizamento das expressões da questão social, requisitou intervenções prática operativas específicas. Sendo assim, o assistente social foi o profissional chamado a intervir na vida cotidiana dos sujeitos na psicologização da vida social. Esse tipo de intervenção também caracterizou outro elemento sincrético presente na prática do Serviço Social, uma vez que, a vida cotidiana como modalidade de intervenção- objetiva a manipulação e reversão das problemáticas empíricas.

O sincretismo teórico e ideológico presentes na história do Serviço Social são postos pelo Netto *op. cit.*, como uma configuração do conservadorismo burguês. A relação do Serviço Social com o conservadorismo é socialmente determinada, assim

como o é, a relação que aquele possui com a tradição teórica-crítica, a partir do momento quando esta passou a ser uma possibilidade histórica para a profissão.

Vale salientar que a adesão teórica ao marxismo não eliminou a estrutura sincrética presente no Estatuto Profissional do Serviço Social. Mas, a tese dessa estrutura sincrética somente é compreensível à luz da teoria social crítica. Contudo, para a compreensão da adesão ao marxismo como componente na formação e prática dos assistentes sociais, antes, devemos entender o que é o conservadorismo e o que esse representou e representa para a profissão.

No Serviço Social, o conservadorismo, que é a marca da sua origem, pode ser visto atualmente tanto na ofensiva pós-moderna como no sincretismo presente na prática e na estrutura ídeo- teórica da profissão.

De acordo com Santos (2007), as primeiras manifestações do pensamento conservador surgem em oposição a Revolução Francesa, num esforço de garantir a permanência da tradição e dos costumes e a consagração de formas sociais passadas como válidas para o presente.

Machado (1997) *apud* Santos (2007) explica que, a partir de 1948, período marcado pela conjuntura de crise capitalista e da organização do movimento operário em resposta as contradições do mundo burguês, o pensamento conservador passa a se definir como contrarrevolucionário, ele converte de instrumento ideal de luta burguesa para subsidiário da defesa da burguesia contra o novo protagonista revolucionário, o proletariado. Para Santos,

Preocupados com a ordem capitalista, pelo antagonismo crescente entre as suas classes fundamentais, os conservadores buscam agora uma conciliação com o progresso. Do ponto de vista que interessa aqui, o lema “ordem e progresso” traduz um aspecto fundamental do positivismo enquanto expressão típica do conservadorismo moderno, constituindo numa proposta política para o enfrentamento da “questão social”. Esses elementos já aparecem em Comte, mas exponenciam-se em Durkheim: nele vem à tona a forte conotação reformista, a valorização da moral como força social coesionadora e da educação como responsável pelo ensinamento do que seja à força das leis (2007, p. 49).

O marxismo e o conservadorismo foram produtos históricos do século XIX produtos do processo de constituição e consolidação da sociedade burguesa (ESCORSIM, 2011). O antagonismo de ambos pode ser explicado, resumidamente, da seguinte forma,

[...] o conservadorismo reprovava na ordem burguesa características que, para Marx e Engels, constituem premissas e requisitos para a emancipação da humanidade- o que, para os primeiros conservadores, é a manifestação do caos, da anarquia e do fim do mundo, para Marx e Engels não passa do prenúncio e das pré- condições do fim de um mundo: o da exploração, da alienação e da opressão (ESCORSIM, 2011, p. 110).

O marxismo se articulou com o bloco cultural, cujo qual o conservadorismo se contrapunha: a economia política inglesa, a filosofia clássica alemã e o socialismo utópico. Como enfatiza Escorsim *op. cit.*, as primeiras obras de Marx e Engels, *A Sagrada Família e Ideologia Alemã*, foram obras polêmicas que se confrontou com alguns conservadores franceses e ingleses da época.

De acordo com Netto (2011), o Serviço Social nasce no berço do conservadorismo, possuindo em seu arcabouço teórico traços do Serviço Social europeu vinculado ao catolicismo social e do Serviço Social norte-americano, marcado pelo anticapitalismo romântico. Esse sincretismo “aponta para a recorrência com que, no desenrolar do desenvolvimento profissional, os seus agentes incorporam ecleticamente “novas” teorias para subsidiar não apenas o exercício profissional, mas também a produção teórica” (SANTOS, 2007, p. 59).

Para Santos, *op. cit.*, não é exclusivo da pós-modernidade recomendar o uso de várias matrizes teóricas para desvendar a realidade. Essa característica presente na profissão pode ser explicada através da relação entre o Serviço Social e as Ciências Sociais, relação essa que, não por acaso, resultou em um sincretismo científico, já que em toda a história profissional, o sistema de saber que o ancora é um subproduto das Ciências Sociais.

Mas, a autora chama a atenção para o fato de que, mesmo antes de se construir um sincretismo no âmbito ídeo-teórico da profissão, já tínhamos suas marcas pelo menos em três formas, “no âmago do seu universo problemático original, no horizonte do exercício profissional e nas modalidades específicas de intervenção” (NETTO, 1992, *apud* SANTOS, 2007, p. 64).

Outro elemento sincrético também apontado está presente nas demandas e nos espaços sócio-ocupacionais do Serviço Social. Isso porque “o capitalismo monopolista recoloca, em patamar ainda mais alto, o sistema de contradições da ordem burguesa nos seus traços de exploração, alienação e transitoriedade histórica” (NETTO, 2011, p. 10).

Dada às condições sócio-históricas postas pelo capitalismo monopolista, os assistentes sociais são requisitados para um papel social cujo conteúdo é difuso, podendo ser preenchido por uma polivalência. Essa por sua vez, é para Netto (2011) a expressão cabal do sincretismo presente na prática do Serviço Social.

A polivalência aparente e típica do Serviço Social não se configurou como uma opção profissional [...]. Antes, ela se plasmou como um padrão prático-empírico de procedimento dos profissionais, sob a pressão, fundamentalmente, de duas ordens de condicionantes: a expectativa social envolvente que rebata sobre os primeiros encaminhamentos profissionais (herdada de suas protoformas) e o

leque de recursos (materiais e técnicos) que havia que mobilizar para dar cumprimento à intervenção (*op. cit.* p. 106).

No capitalismo monopolista a questão social vai ser administrada em suas refrações, o cotidiano dos sujeitos passa a ser campo privilegiado de uma ação controladora. As políticas sociais setoriais tratarão a questão social em seus fragmentos, nunca no seu cerne, ou seja, na sua relação contraditória entre o capital e o trabalho. Desse modo, tanto as demandas, quanto os espaços de ocupação do assistente social são fracionados. Esse se constitui em outro elemento sincrético uma vez que “as determinações do cotidiano são parte da legitimidade que sustenta o mercado de trabalho desse profissional chamado a intervir de forma a ordenar a ampliação da heterogeneidade ocorrida a partir do capitalismo monopolista” (SANTOS, 2007, p. 66).

Netto (2011) apresenta que os três elementos objetivos da estrutura sincrética do Serviço Social, sendo elas, a natureza do Serviço Social, o Estatuto Profissional e o fato da profissão ser essencialmente feminina. Esses elementos estão no universo problemático que foi apresentado como eixo de demandas histórico-social, o horizonte do seu exercício profissional e sua modalidade específica de intervenção. Na natureza do Serviço Social não está presente à teoria social de Marx, por isso, dada ao ecletismo das Ciências Sociais, o conservadorismo é a marca registrada da gênese profissional, por isso, nossa base é essencialmente sincrética.

Netto *op. cit.*, esclarece o fato de que a obra de Marx é fundante de uma teoria ontológica e histórica. “Trata-se de uma teoria sistemática (e não um sistema) que dá conta do movimento do ser social que se engendra na gênese, consolidação e desenvolvimento da sociedade burguesa” (p. 135). Para o referido autor, a obra marxiana é uma teoria social que pouco tem a ver com as Ciências Sociais especializadas, ainda que opere com os mesmos materiais.

Já no Estatuto Profissional, se tornou relevante para a profissão a construção de uma imagem desvinculada das suas protoformas. Mas a ruptura com o regime do voluntariado não equivaleu à ruptura com a subalternidade técnica. Para Netto (2011), é ilusória a interpretação de que a partir da incorporação de novas matrizes teóricas tenha-se redefinido o estatuto da profissão. Para o autor, o Estatuto Profissional deve ser compreendido a partir do dinamismo histórico-social, uma vez que, “os papéis profissionais se vê em xeque pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas, pelo grau de agudeza e de explicitação das lutas de classe, pela emergência de novos padrões jurídico- políticos” (p. 89).

O outro elemento sincrético aparece no fato da profissão ser essencialmente feminina, e isso traz para a profissão a subalternidade da mulher na sociedade, que por sua vez também traz essa subalternidade para a prática profissional. No entanto, a

mudança desse sujeito na sociedade vai mudar também a postura da profissão. O movimento feminista pensa criticamente o seu papel na sociedade e o Serviço Social passa a refletir sobre o lugar da profissão na sociedade.

Montaño (2011) apresenta a questão do gênero como um elemento de subalternidade do Serviço Social, uma vez que a profissão atua numa sociedade regida por padrões patriarcais e machistas. Dessa forma, o Serviço Social é identificado em concordância com o papel que as sociedades patriarcais atribuem as mulheres, como uma profissão que executa as decisões dos outros (políticos), que conhece a realidade social por meio dos olhares dos outros (cientistas) e que assiste as populações carentes, como auxiliar de outros profissionais (médicos, advogados, etc.).

Sendo assim, o sincretismo presente na prática do Serviço Social, também perpassa outros espaços como o ideológico e científico. Do ponto de vista ideológico, o sincretismo se expressa no processo de desenvolvimento da profissão. A ideologia europeia e norte-americana estiveram presentes desde as protoformas à consolidação da profissão. Essas duas vertentes teórico-ideológicas já trazem si elementos sincréticos.

O sincretismo da tradição europeia se expressa na postura restauradora com algum grau de legitimidade de intervenção. Esse sincretismo está no plano das ações sociopolíticas como sendo “nem capitalismo, nem comunismo” (NETTO, 2011, p.118).

Já o sincretismo americano está inscrito num pragmatismo intelectual que deve atender a duas demandas de diverso sentido: “de uma parte, deve produzir a sua legitimidade racional num meio sociocultural muito intenso às elaborações científicas; de outra, deve construíse sob uma pressão religiosa (protestante) a que não pode contrariar, sob pena de fortes sanções sociais” (*op. cit.*, p.119).

O sincretismo científico encontra-se vinculado ao sistema de saber que ancora o Serviço Social “embasando, enformando e legitimando as suas práticas e igualmente as suas representações” (NETTO, 2011, p. 132).

Para Netto *op. cit.*, a análise do sincretismo teórico gravita em três elementos: nas possibilidades do conhecimento teórico do ser social, na filiação teórica do Serviço Social e nas pretensões de gerir um conhecimento específico.

Como já tratado anteriormente, em toda história do Serviço Social, o sistema de saber que o ancora é subproduto das Ciências Sociais. Assim, entender a origem das Ciências Sociais particulares e os seus procedimentos teóricos-metodológico é um dos recursos na compreensão do conservadorismo e do ecletismo. Santos, (2007) afirma que não é por acaso que o ideário da pós- modernidade tenha fertilidade dentro da profissão, pois esta “foi saturada de elementos antimodernos que, do ponto de vista ídeo-teórico, se expressam no conservadorismo” (p. 69).

A crescente requisição do mercado de trabalho e o reforço a setorialidade tem sido posto de forma acrítica pela profissão. Esse tratamento acrítico tem reforçado a busca de atualização teórica-instrumental referente aos campos de atuação vistos isoladamente.

Em tempos de pós- modernidade são abundantes os materiais que, aprisionados pela lógica do fragmento, dão suporte a esse tipo de resposta. As probabilidades de expansão dessa tendência são consideráveis diante da predominância, na cultura profissional, das preocupações “microssociais” e, conseqüentemente, da chamada microintervenção (SANTOS, 2007, p. 70).

Como sabemos, a entrada do marxismo no Serviço Social se realizou num momento histórico específico. A efervescência política dos movimentos sociais na década de 1980 possibilitou a leitura do marxismo e este ganhou espaço dentro das produções teóricas das profissões como aconteceu com o Serviço Social. No entanto, sabemos que a aproximação desta profissão com o marxismo se deu de forma heterogênea, o que provocou muitos equívocos e questionamentos, superados na década de 1990, com o debate do Projeto Ético Político Profissional.

Pela trajetória ídeo-teórica do Serviço Social, atualmente faz-se necessário o debate sobre as influências do pensamento pós-moderno. Fenômeno presente na sociedade burguesa, expressando-se nas profissões, nas instituições e nas ciências, na cultura e na arte.

O pensamento pós-moderno faz críticas à modernidade afirmando que esta não cumpriu os objetivos a que se comprometeu. O marxismo, não por acaso é o principal alvo das críticas. O marxismo é apresentado como uma teoria crítica que não dá conta da realidade, as categorias marxianas são deturpadas, assim sendo, “a totalidade aparece como totalitarismo, à ortodoxia como dogmatismo, à universalidade como estruturalismo” (SANTOS, 2007, p. 86).

Os autores pós-modernos do Serviço Social sustentam a ideia de que a teoria social de Marx, devido à complexidade e mudanças do real, já não mais atende as expectativas, não esclarece o real porque ele é complexo e diverso. Assim sendo, Santos (2007) explica que para validar essa crítica, existem três grupos de autores dentro do Serviço Social com forte presença neoconservadora.

Um grupo de autores propõe que, aliado ao pensamento de Marx seja vinculada outras teorias para que sejam explicados os mais diversos fenômenos sociais, assim sendo, num verdadeiro ecletismo, neste grupo de autores é possível juntar Marx a Foucault. No outro, há uma forte resistência e rejeição do marxismo, tendo as teorias pós-modernas campo fértil. O terceiro e último grupo realiza as críticas da epistemologia pós-moderna e elegem o fragmento como o nível privilegiado de análise.

O conservadorismo reinou por muito tempo na formação e prática dos assistentes sociais. A ofensiva do pensamento pós-moderno pode ser entendida dentro do Serviço Social através do debate teórico e político da sua estrutura sincrética. Hoje as incorporações das concepções pós-modernas da realidade vem brigando pelo mesmo espaço do marxismo porque os postos de atuação profissional reforçam a singularidade, a positividade e a intervenção imediata. Dessa forma, os profissionais cada vez mais estão aderindo a pós-modernidade porque ela legitima, enquanto teoria, as intervenções no campo da imediaticidade e da singularidade.

De acordo com Netto (2011), o limite da prática do Serviço Social não é endógeno, mas sim é dado pelas condições sociais da sua intervenção. Se por um lado, os profissionais são chamados para uma reflexão mais crítica nas suas intervenções, por outro, as instituições cobram tempo nas suas elaborações.

Para Netto (2011) é próprio da sociedade burguesa, instaurar uma pseudo-objetividade nas suas relações. Desta forma, tanto no plano intelectual (vertente teórica), quanto no plano prático operacional e profissional, há uma sintonia destes planos na reprodução do pensamento formal-abstrato burguês. Sendo assim, “num caso como no outro, na explicação como na intervenção, este referencial não rompe com a positividade com que se apresenta os processos sociais na moldura societária burguesa- não rompe fundamentalmente porque não supera sua imediaticidade” (LÚCKAS, 1979, *apud* NETTO, 2011, p. 101).

Acreditamos que sempre é oportuno o momento para reforçar a importância de uma formação crítica voltada para os fundamentos ontológicos do ser social, capaz de desvendar os fenômenos sociais, independente do espaço de atuação, nos seus processos de universalidade, singularidade e particularidade. Só através de uma formação crítica e de uma prática também crítica é que poderemos realizar uma intervenção que consiga ultrapassar a imediaticidade das demandas com as quais trabalhamos.

O processo de formação profissional é o momento ideal para se plantar os fundamentos da teoria social de Marx. Sendo assim, a prática dos futuros assistentes sociais será o respirar dessa teoria que não permitirá que façamos um caminho de volta ao passado. Isso porque o conservadorismo sempre estará presente, ora mais fortalecido ou menos forte, mas sempre buscará formas de se atualizar.

O papel da perspectiva crítico-dialética na formação e prática profissional é de fragilizar o projeto conservador. Assim, sempre são importantes às discussões sobre os fundamentos do Serviço Social, pois a partir desses é que, pode esclarecer as dúvidas que os profissionais possuem em relação à teoria e prática no Serviço Social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Serviço Social surge e se desenvolve como profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho no contexto sócio-histórico do capitalismo monopolista, momento de intensificação da acumulação contraditória e da refuncionalização do papel do Estado, já que esse passa a ser o garantidor da acumulação e o gerenciador dos ciclos de crise.

Para Marx (2004), o Estado possui uma universalidade abstrata socialmente necessária à manutenção dos interesses da propriedade privada e do capital. Marx *op. cit.* acusa a produção de misérias da classe trabalhadora e das massas dos destituídos ou aliados do processo de produção capitalista, demonstrando a função social do Estado político burguês na reprodução de tais relações.

Toda essa elaboração teórica de Netto (2011), fundamentada nos estudos de Marx, são alicerces necessárias para o entendimento da estrutura sincrética do Serviço Social, uma vez que, é a partir do papel do Estado no capitalismo monopolista e do processo de miséria acentuada nesta fase do capital que compreendemos as bases nas quais o Serviço Social se institucionaliza como uma profissão inserida na reprodução das relações sociais, e que também, diante deste fenômeno, pode mudar seu corpo ideológico, o que por sua vez gerou um sincretismo teórico, ideológico e prático.

A discussão do conservadorismo nesse processo é fundamental para entendermos o que foi e o que é o Serviço Social, e mais, compreender que esse gigante conservador presente na estrutura e racionalidade burguesa, não se encontra adormecido, por isso, entendê-lo é o primeiro passo para que não aconteça o caminho de volta ao passado.

4 REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e Serviço Social** – fundamentos Ontológicos. São Paulo. Cortez Editora, 3ª ed. 2005.

ESCORSIM NETTO, Leila. **O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica.** São Paulo, Cortez, 2011.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do serviço social.** 2 ed. São Paulo, Cortez, 1999.

IAMAMOTO; CARVALHO. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil.** 27 ed. São Paulo, Cortez, 2009.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** São Paulo. Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista.** Trad. Maria Lúcia Cosmo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998. (coleção leitura).

MONTANÕ, Carlos. **A natureza do Serviço Social: um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução.** 2 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social.** 8 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

_____. **A Construção do Projeto Ético- Político do Serviço Social.** Módulo 1 de capacitação em Serviço Social e Política Social, Brasília, 1999.

PONTES, Reinaldo Nobre. Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. In: **capacitação em Serviço Social e Políticas Sociais.** Mod. 4: o trabalho do assistente social e políticas sociais. CEAS, Brasília 2000.

SANTOS, Joseane. **Neoconservadorismo pós- moderno e serviço social brasileiro.** São Paulo, Cortez, 2007. – (coleção questões da nossa época; v132).